

ABCP, Gestão 2024-2026

Fundada em 1986, recriada dez anos depois com estrutura mínima, voltada sobretudo para a viabilização de um encontro acadêmico bienal, a Associação Brasileira de Ciência Política já trilhou um caminho nada desprezível neste, sim, curto período de tempo. No último biênio, entre 2022 e 2024, a ABCP viu seu número de associados saltar de 1600 pra 2500 – número que nos situa, muito provavelmente, como uma das três maiores associações nacionais de ciência política no mundo.

Este sucesso, se por um lado deve ser motivo de justa celebração, nos confere grande responsabilidade, pois nos compromete com a ampliação do perfil de uma associação científica de atuação nacional para também – e cada vez mais – associação profissional em sentido amplo, com capilarização eficaz por todo o território brasileiro e ramificações de relevo em sua atuação internacional.

Para muito além de abrigar o Encontro (cuja abrangência dá testemunho claro do vigor da comunidade), devemos também prover o apoio devido a todos os nossos associados e continuar a atrair novos, favorecendo o bom exercício da profissão e o avanço da ciência política no país mediante não só a promoção de eventos e a difusão científica, mas também a multiplicação das frentes de cooperação internacional.

A diversificação do ambiente profissional nos interpela de modo irrecusável. Hoje nossa abrangência vai muito além do exercício acadêmico da profissão por professores pesquisadores. Se até há pouco mais de uma década quase toda formação em ciência política se dava em nível pós-graduado, hoje os cursos de graduação em Ciência Política, Relações Internacionais e no chamado “campo de públicas” são uma realidade que reconfigura de maneira decisiva nosso campo profissional e científico. Ainda não aconteceu desta vez, mas não está distante o momento em que a Diretoria da Associação abrigará também profissionais não acadêmicos.

A ABCP tem respondido a essa mudança do ambiente com uma postura proativa na discussão, já em estágio avançado, das diretrizes curriculares nacionais para o campo, junto ao Conselho Nacional de Educação. Uma abordagem amadurecida dessa questão nos confrontará, logo adiante, com a questão controversa da regulamentação da profissão. É um tema que comporta mais de uma solução, cujo debate já avança mas ainda não decantou em consenso. Sediar essa discussão e favorecer sua maturação entre nós é uma obrigação à qual a ABCP não se furtará.

Como uma das maiores associações do planeta, temos responsabilidades também com o desenvolvimento da ciência política, como disciplina, em todo o mundo. Temos parcerias formais ou em vias de formalização com várias associações nacionais, como a estadunidense APSA, a PSA britânica, as associações portuguesa e espanhola, e atuamos com peso institucional crescente em instâncias internacionais como a IPSA e a ALACIP.

Todo intercâmbio acadêmico é um fim em si mesmo. Assim, dentro de suas possibilidades, a ABCP sempre procurará manter e expandir as cooperações já existentes, incluindo o encorajamento e o apoio à internacionalização da programação das ATs em nossos encontros. Mas estamos cientes de que a multiplicação das frentes e das formas de cooperação internacional é um dever incontornável para que a Associação se mostre à altura do desafio de abrigar comunidade tão numerosa e capaz.

Chegou o momento de diversificar a cooperação internacional como um componente estratégico da vida da ABCP, para além das associações e para muito além dos encontros periódicos. Com 2500 associados, além de uma paleta diversificada de atuação à nossa base, nós devemos também uma atuação proativa em nossa interação com a ciência política internacional. Não apenas no esforço permanente de qualificação de nosso trabalho, mas também de disseminação de conhecimento e cooperação científica em todo o mundo – a começar por nossa vizinhança.

O Brasil ocupa um lugar nada desprezível na divisão internacional do trabalho científico, com apreciável parque universitário e boa institucionalização de sua pós-graduação. No entanto, talvez justamente por esses fatores, somados a seu vasto território e sua condição relativamente periférica, exibimos indicadores especialmente baixos de coautoria internacional qualificada, abaixo da média latino-americana. E a colaboração existente se dá principalmente pelos canais tradicionais, hiperpovoados, com Estados Unidos e Europa Ocidental.

Esse relativo isolamento impõe limites importantes para a expansão da agenda de pesquisa e a diversidade de perspectivas. É bastante evidente que temos um potencial de cooperação não preenchido, especialmente na vertente Sul-Sul. Vamos procurar os meios pelos quais a ABCP possa atuar em prol dessa expansão, como um objetivo organizacional estratégico.

Tanto as mutações do campo profissional no país quanto os horizontes de requalificação de nossa atuação internacional incidem de maneira complexa sobre nossas relações com as várias associações afins atuantes no Brasil. Temos proximidade histórica com a Anpocs, onde a ABCP foi refundada nos anos 1990. Por intermédio da Anpocs convivemos de maneira relativamente próxima com SBS e ABA, mas vamos procurar cooperação mais estreita, intensificando contatos, importantes também na discussão de conteúdos da educação básica e superior. Há as diversas associações sobre áreas afins, que proliferaram nas últimas décadas: ABRI, ANPED, ANEPCP, ANPUR, Compolítica, Abrapel, Abradep e tantas outras, com as quais devemos procurar desenvolver relações institucionais de apoio mútuo e intercâmbio profissional. Temos as associações internacionais de que somos parte constitutiva importante, como obviamente IPSA e ALACIP, mas também Clacso e outras, e nossa atuação junto a elas merece maior proatividade. Por fim, entidades como a SBPC e a ABC são parceiras naturais na causa da ciência no Brasil, com possibilidades de cooperação a serem mais plenamente preenchidas.

Sabemos que um biênio é um período curto, nem se trata de sinalizar uma pauta de realizações a serem entregues. Mais construtivamente, entendemos um programa como este como um norte estratégico em torno do qual vai-se organizando progressivamente a Associação, a atuação de suas diretorias nacional e regionais, recalibrando bússolas e identificando as prioridades de cada momento.

Fazemos o caminho ao andar, certamente. Mas também descortinamos caminhos futuros ao refletir sobre a trajetória cumprida e contemplar o horizonte. Cabe o reconhecimento e a gratidão pelo bom trabalho de todas as gestões anteriores, que nos trouxe até aqui – e, de modo especial, à gestão que se encerra, muito bem conduzida pela atual Diretoria, sob a presidência de Vanessa Elias de Oliveira e secretaria executiva de Luciana Santana e Rebecca Abers. É o reconhecimento devido ao caminho cumprido até aqui, pelo trabalho de tantos de nós, que nos habilitará a escrever o capítulo que nos compete no próximo mandato.

Chapa ABCP 2024-2026

Presidência: Bruno Pinheiro Wanderley Reis, UFMG

Secretaria Executiva: Luciana da Conceição Farias Santana, UFAL

Secretaria Executiva Adjunta: Maria Dolores Lima da Silva, UFPA

Diretoria de Ensino de Pós-Graduação: Olivia Cristina Perez, UFPI

Diretoria de Ensino de Graduação: Leon Victor de Queiroz Barbosa, UFPE

Diretoria de Cooperação Internacional: Júlio César Cossio Rodriguez, UFSM

Diretoria de Publicações: Soraia Marcelino Vieira, UFF

Diretoria de Projetos: Manoel Galdino Pereira Neto, USP

Diretoria de Pesquisa: Rafael Cardoso Sampaio, UFPR

Diretoria de Difusão Científica: Michelle Vieira Fernandez de Oliveira, UnB

Suplências:

* Bianca de Freitas Linhares, UFPel

* Ivo José de Aquino Coser, UniRio

Conselho Fiscal:

* Cláudio André de Souza, Unilab

* Geyza Alves Pimentel, UFRR

* Ivan Filipe de Almeida Lopes Fernandes, UFABC

Comitê de Gênero, Raça e Diversidade Sexual:

* Andréa Lopes da Costa, UniRio

* Maíra Kubík Taveira Mano, UFBA

* Leonardo Barros Soares, UFV